

WLADIMIR OLIVIER

JUVENAL SOCORRE
GUALBERTO

ou

Narrativa em Versos do
Tratamento Espiritual de um
Perturbado

ÍNDICE

1. A triste chegada
2. Perturbação
3. Rarefaz-se a névoa
4. Ausência pressentida
5. Primeiro esgar
6. A entrevista
7. O medo
8. *...quia pulvis es!*
9. Ingratas recordações
10. Reminiscências sem causa
11. Novas reflexões
12. Alguns procedimentos se particularizam ..
13. Dão-se as primeiras intuições do bem
14. A esperança suspensa
15. Entre amigos
16. A derrota comprovada
17. Impotência orgânica
18. Uma brisa agita as folhas
19. Teste inconsistente
20. Sem provocação
21. Reação
22. Começa um passeio
23. Diante dos inimigos
24. A lábia do infeliz
25. Situação crítica
26. Vislumbre salvador
27. O sentimento das intenções
28. Por não ouvir
29. O início dos estudos
30. A proposta
31. A alternativa
32. Hesitante, afinal
33. Mais do que da boca para fora
34. A apresentação
35. A primeira reunião
36. A reprimenda
37. Quando a esperteza é muita
38. Retido
39. O calor aumenta
40. Sonhando acordado
41. Pediu e recebeu
42. Diálogo insólito
43. Afabilidade
44. Deixando-se ir
45. Pequena prece; forte repercussão
46. Fim

1

A triste chegada

Estranho estrondo trouxe à treva branda
O gajo pertencente à luz do dia,
E tudo quanto disse deveria
Deixar para depois, que a dor desanda.

Mas pôde finalmente pôr em dia
Os temas das promessas que o bem manda,
Pois todos quantos vêm para esta banda
Precisam recompor-se em harmonia.

Assim, sem fé e sem poder, passou
Pelas agruras de um sofrer profundo,
Dando ao povo etéreo um triste *show*,

Dizendo que provou, quando no mundo,
Que os males que ali fez ali deixou,
Trazendo só consigo um terno imundo.

2

Perturbação

Um dia, despertou com inquietude,
Porém, não tinha como compreender
Que havia desprezado o seu dever
E pôs-se a acreditar que alguém se ilude.

Queria lembrar seu bom viver
Na Terra, em tempos sem decrepitude,
Mas tudo que lhe vinha era tão rude
Que se encontrou mui pobre, sem poder.

Clamou pelo Senhor em altos brados,
Dizendo ser injusta tanta dor.
Desafiou os ares conturbados,

Mantendo tal postura inferior.
Não acordou ninguém, que os sons alados
Se instalam só nas almas sem valor.

3

Rarefaz-se a névoa

Da consciência ouviu, então, a voz
Que apregoava os males antes feitos.
Imaginou-se logo entre os eleitos,
Que o vício era pequeno e não atroz.

*Se tenho de pagar pelos defeitos
Que herdei dos pais na linha dos avós,
Preciso compreender que todos nós
Iremos ser barrados nestes pleitos.*

Pensava assim o gajo, sem pudor,
Querendo pôr no fogo os ancestrais,
De quem jamais seguiu o bom valor,

Dispondo-se a alcançar da vida mais.
Agora refletia a descompor,
Os pensamentos tolos, imorais.

4

Ausência pressentida

Chegou a suspeitar que estava mudo,
Porque ninguém lhe dava uma resposta.
Também não via nunca alguém na encosta,
Permanecendo só, além de tudo.

*— Ao menos se achegasse um ser que gosta
De prosear sem muito conteúdo,
Sem medo de levar algum cascudo
Do gajo que na dúvida se posta.*

Tais devaneios eram p'ra criar
Motivos de plausível equilíbrio,
Mas tudo o que alcançava era o ludíbrio

Dos tempos das lembranças do seu lar,
Que vinham, de repente, dar de chofre
No olfato pelo forte odor de enxofre.

5

Primeiro esgar

Não teve muito tempo p'ra gastar:
Lamúrias foram poucas tendo em vista
Que o lucro dos lamentos se conquista
Depois de pôr um cobro em seu vagar.

Então, pediu ao Pai uma entrevista
Com o seu protetor e do seu lar,
Com medo de que fosse devagar
A luta pelo espaço do egoísta.

Reconhecia, assim, o despreparo
Para enfrentar a dor da consciência
E disse ao coração: — *Agora eu paro*

*De a tudo impor a voz desta inocência;
Presumo que o sofrer não seja raro,
Se tudo hoje transformo em vil carência.*

6

A entrevista

Surgiu-lhe o protetor e disse assim:
— *Que queres tu fazer p'ro teu progresso,
Se tens o humano jeito no decesso
E não olhas direito para mim?*

O pobre quis sumir mas disse: — *Peço
Que tudo quanto fiz, sendo ruim,
Possa sofrer resgate, até que, enfim,
Sossegue o coração com tal sucesso.*

— *Então estás disposto a vir comigo,
Para enfrentar as dores que causaste,
Sofrendo nesta esfera um tal castigo,*

*Para que o mal receba o seu desgaste
E possa o companheiro, hoje inimigo,
Saber que tens no amor o seu contraste?*

7

O medo

*— Preciso de algum tempo p'ra pensar,
Porquanto o sofrimento vai ser grande.
Espero que o moral não mais desande,
Se o bem que me ocorrer for devagar.*

*Perguntou-lhe o mentor: — Quer que se abrande
A fúria da consciência? Veja o mar,
Que se rebela e volta ao seu lugar,
Que o mal que se arrepende não se expande.*

*Mas se esqueceu o gajo que sofria,
Quando se via só na escuridão,
E despediu o velho que atendia,*

*Que o pensamento só dizia não
Para o sofrer das dores na agonia
De se saber injusto e pobre, em vão.*

8

... quia pulvis es!

*De novo, revoltou-se contra o Pai,
Por não saber pôr cobro ao desespero.
Por pouco não partiu para o exagero
De quem não colhe flores sem um ai.*

*Espinhos sempre existem p'ro tempero,
Que a dor sem ter amor fica e não sai
Do coração que, em luto, mais descai,
Desconhecendo as dádivas do esmero.*

*E ali ficou mui triste, bronco e só,
No remoer dos fatos lá da vida.
Lembrou-se dos conselhos bons da avó*

*Mas pôs de lado a dúvida da lida,
Querendo que o mistério fosse o pó
Que permitisse a Deus uma saída.*

9

Ingratas recordações

Ao se lembrar da avó e dos parentes,
Passou a frequentar o tempo antigo:
— *Não sei que aconteceu depois comigo,*
Que a todos vi com olhos diferentes.

Meus pais e meus irmãos eu não me obrigo
A tê-los junto a mim sempre presentes;
Os meus avós também estão ausentes:
Talvez resida aí grande perigo.

Mas desviou a ideia p'ro futuro,
Que a idade de menino se perdeu:
Desgosto de ficar muito inseguro,

Que o mal que os afrontou também foi seu.
Com eles aprendeu que quem é puro
Termina lá na cruz, como o judeu.

10

Reminiscências sem causa

Sem temer que fosse injusto,
Perguntou para si mesmo:
— *Se vagar no etéreo a esmo,*
Vão causar-me forte susto?

Suspeitava de vingança
Pelos seres da vigia:
— *Não sei se eu mesmo faria,*
Se o pensar logo me cansa.

Mas não quis ficar ao léu,
Desejando assegurar-se
De que, p'ra melhor catarse,
Não podia ser incréu.

Então, orou a Jesus,
Que lhe desse proteção.
Se recebesse algum *não*,
Punha no chão sua cruz.

Mas não recebeu resposta,
Porquanto a intenção da prece
Era colher da tal messe,
Sem plantio, que o mal se encosta.

Muito tempo ali perdeu
A lamentar suas falhas:
De roteiro tão sanhudo?

— *Por que, minh'alma, agasalhas*
Tanto rancor ao judeu?

Foi então que descobriu
Como tratava a Jesus:
Não era um ser de mais luz;
Era alguém que não sorriu.

Era aquele um desrespeito
Que o trazia incomodado.
É que pusera de lado
O ensino da avó suspeito.

Relembrou que era infeliz
A velhinha que o estimava:
Numa vida fora escrava,
Para perder a cerviz.

Ao regressar para a Terra,
Teve a missão de criar
Seus inimigos no lar,
Para impedir nova guerra.

Como soubera de tudo,
Se vagava pelo etéreo?
Decifraria o mistério

11

Novas reflexões

Foi a partir da infância que reviu
A vida que levou em agonia,
Que os males que sofreu não sofreria,
Se fosse generoso, bom, gentil.

Aos poucos, revelou o seu sistema,
Na forma condizente co'a consciência;
Não quis seguir as normas da ciência
Que trouxe lá do mundo como algema;

E pôs na fila intérmina os parentes
Com quem manteve guerra declarada.
Então, não teve luz para mais nada,
Que os ódios se mantinham eloquentes.

Pedi ajuda, assim que se viu solto
Das duras opressões dessa memória:
Pensava em conseguir séria vitória,
Se alguém mais caridoso fosse envolto.

Mas viu-se ali sozinho em amargura,
Que as dores se causavam por si mesmas
E vinham p'ra assustá-lo os avantesmas
Dos dolos e malfeitos que o bem cura.

E não achou na história dessa vida
Um ato só que desse uma esperança:
Feliz não foi sequer quando criança
E agora dos infernos não duvida.

Desesperado urrou contra o Senhor,
Porque não via, em suma, salvação:
— *Será que terei forças, coração,*
Para enfrentar as culpas do rancor?

Era o primeiro aviso do processo
Em que entraria p'ra entender o mundo.
Pensava que o fremir fosse profundo
E disse ao protetor: — *Por paz eu peço!*

12

Alguns procedimentos se particularizam

— *Estúpido, imbecil, quanta arrogância
No coração que geme e se condói!
Mas estou só no etéreo e a circunstância
Não há de me fazer um grande herói.
Então, por que é tão forte esta ganância
Com que desprezo a dor que me remói
O espírito do mal, em que vivi
E que me prende triste por aqui?*

— *Preciso compreender quanto fui fútil
Apenas por formar na minha empresa,
Na tentativa vã de me ver útil,
Um grupo de pessoas sem nobreza:
Se a túnica do Cristo era inconsútil,
A roupa em que eu vestia a safadeza
Mantinha-se em costuras muito frágeis,
A ponto de servir somente aos ágeis.*

Queria lembrar cada pessoa,
Mas via em cada qual só um ladrão.
— *Será que não achei uma alma boa,
Daquelas que me queiram como irmão?!*
Assim, pensou na vida que ressoa
Bem longe do processo da razão
E viu que o mal que fez é que o impedia
De prosseguir na esteira da harmonia.

13

Dão-se as primeiras intuições do bem

Em lágrimas, previu que ali, no etéreo,
Não ia decifrar todo o mistério,
Sem dar de si aos outros, sem lamento,
Que a vida assim perdida desfilava,
Porque tanto egoísmo fora a trava
Que lhe impediu sair do vil tormento.

Chegou a suspeitar que o mestre amigo,
Aquele que lhe dera um bom abrigo,
Queria era fazer com que sofresse;
Mas afastou de si tão negra ideia,
Porquanto quem é bom nessa odisseia
Não pode estimular tal interesse.

Apenas refletiu que o mal maior
Sabia recompor também de cor,
Impondo aos seres todos sua norma.
Mas, como o pensamento sempre voa,
Imaginou que existe uma alma boa
Que pelo amor aos seus o bem informa.

*— Então, o meu bondoso e rico mestre
Terá muito prazer, quando se adestre
O seu pupilo injusto quanto ao Pai;
E a mim virá curioso de saber
Se tenho caprichado no dever,
Ou se tal esperança ainda se esvai.*

Foi só pensar no amor da criatura
Já despertou p'ro bem que o mal depura,
Embora seja em ânsias que se dê.
Aí, sem pôr a força dos pulmões,
Buscou chamar a si as atenções,
Rogando dentro d'alma: — *Quem me vê?*

Chegou a dar bem mais do que seu pranto:
Ofereceu carinho, em doce canto,
Compondo uma poesia sem reproches.
Mas, como tudo aquilo era mui pouco,
Julgou estar ficando insano, louco,
Porque pensava em pão, bolo e brioches.

14

A esperança suspensa

Então, aconteceu
A explosão de emoções,
O revirar dos objetos,
O mergulho no eu.
As tendências se confundiram,
Os males vazaram,
O rubor expandiu para fora da fisionomia,
Os soluços se adelgaçaram,
Os silvos atingiram os tímpanos e feriram a vontade.
Desequilíbrio, insanidade, brioques e pães-de-ló,
Água na boca, salivação, raiva, deboche íntimo,
Delírio.

O rancor se voltou contra o si-mesmo das iras pessoais,
O remorso não se caracterizou,
O arrependimento não se formulou,
Mas a mente tendeu ao suicídio:
Matar-se-ia se tivesse vida perecível.
A existência era flagrante,
O bem e o mal se fundiram numa só expectativa,
E a escuridão engolfou o pobrezito que se condoía de si.

Mas Deus é pai de misericórdia e Jesus nasceu para ensinar a perdoar.

E tudo caminhou para o final feliz,
Na iminência do socorro dos protetores dos que se perdem nas trevas.

No fundo do visual, o branco das paredes;
A movimentarem-se, sombras estranhamente claras;
Palavras a semear sentidos distorcidos, sem repercussão;
O despertar adiado sem ânsias da consciência;
A entrega ao desespero pela volta da imersão memorial dos fatos;
O fenômeno postergado para as cavernas dos tempos primevos;
A sofreguidão do perfeito inviabilizada definitivamente.

Foi o tempo a passar insuspeito,
Foi a luz a fazer contrição
Foi a voz que apagou a canção
Foi o dia em que o bem foi refeito.

15

Entre amigos

Ao acordar de dores tão sofridas,
Se viu, exangue, em leito de hospital;
De todo já não se julgava mal,
Que em volta viu pessoas mui queridas.

De há muito não sentia nada igual,
Pelas recordações em vão vividas,
Porque fechara todas as saídas
E renegara o amor mais natural.

As mãos, ao se tocarem com ternura,
A perdoar os feios gestos vinham
E punham fim completo à tal loucura,

Que os modos das crianças se mantinham
No coração, que é lá que o bem depura
Os sentimentos torpes que se aninham.

16

A derrota comprovada

Ao se expressar, porém, não consegui
Tornar claro e patente o sentimento,
Pois tudo quanto disse não sentiu
E só sentiu o esforço em vão lamento,
Que a mente estava lúcida e se abriu,
Embaraçada a voz, porém, foi lento
O recompor dos dotes da expressão,
Que a alma acostumara a dizer *não*.

As mãos é que prendiam sem largar
Os companheiros todos que acudiam:
Queria compreender o tal lugar,
Mas os sensores lá não reagiam,
Pois tudo o que pensava era vulgar.
No entanto, os sentimentos mais feriam
O coração, no avesso da maldade,
Que o bem na ideia os erros dissuade.

Em lágrimas tentou dizer a todos
Que muito agradecia os seus favores,
Mas tantos tinham sido os seus apodos
Que a voz não conseguia os tais louvores,
Pois pobres foram sempre os seus denodos,
Na exposição perene dos rancores:
Agora compreendia, enfim, que a vida
Não lhe valera nada e foi perdida.

17

Impotência orgânica

Queria perdoar os inimigos,
Mas não cuidava tanto dos perigos
De recordar os males contra si:
Os dissabores todos lá da vida
Surtiam da memória combalida
E vinham-lhe à cabeça: — *Eu que sofri...*

E os tempos se somavam sem mudanças,
Até que recebeu as esperanças
De levantar do leito sem ajuda.
Pensou ser muito fácil caminhar,
Mas, não afeito ao clima do lugar,
Caiu e desmaiou: mágoa graúda.

E perguntou, depois, aos enfermeiros
Se estava, pelo amor, entre os primeiros
A serem resgatados desse mal.
Sorriram para ele e lhe disseram
Que nunca saberiam, já que eram
Apenas atendentes, coisa e tal.

— *Serei tão infeliz que não mereço
Uma palavra amiga pelo preço
Da dor que sinto intensa na agonia?*
Mas o perdão que cria necessário
Também não deu ali, pois, solitário
No meio das pessoas, se sentia.

18

Uma brisa agita as folhas

*— Terrível este medo que mantenho
De haver errado tanto em minha vida:
Não tive muitas vezes a saída
Que desejava sem qualquer empenho.*

*Queria era que Deus me desse tudo
Que prometeram outros em seu nome,
Porém, meu pensamento se consome
Sem ver que o meu valor é tão miúdo.*

Assim pensava o gajo ainda no leito,
Não vendo que por ele trabalhavam,
Mantendo o seu humor de insatisfeito;

E nisso os pensamentos mais falhavam.
No entanto, progredia, pois, no peito,
A falhas mais gritantes se mostravam.

19

Teste inconsistente

Um dia, avaliou que a sanidade
Lhe dava condições de raciocínio.
Não viu que estava pobre o tirocínio,
Mas foi capaz de ver certa verdade.

Encarregou alguém desse escrutínio,
A ver o que teria validade
Dentre as razões que dera à tal maldade,
Para exercer na vida o vil domínio.

E foi logo dizendo num repente:
*— Padeço deste mal por ser honesto
Nas crises em que expus, devidamente,*

*O desagrado interno mais molesto
Aos seres que me viam pela mente
E agora sentem medo, pois me apresto.*

20

Sem provocação

— *Por que te queixas tanto de outra gente,
Imaginando teres tu razão?
Não sabes quantas vezes dizes não
À tentativa justa e transparente?*

*Por certo aqui pretendes, meu irmão,
Fazer o teu teatro, indiferente
Às consequências de seguir em frente
Nos males que jamais acabarão.*

*Tu pedes que analise o teu tesouro,
Que é como consideras teu talento,
Mas algo que te cause algum desdouro*

*Perante o raciocínio peçonhento
Com que tu te atraíças neste agouro
Irás cobrar de mim, a ver se aguento.*

21

Reação

De fato, assim que ouviu as tais censuras,
Não mais considerou estar doente.
Dispôs-se a prosseguir asperamente,
Dizendo em altos brados: — *Que procuras,*

*Ao me ditar a norma onde se mente,
Para que o gajo aqui faça loucuras,
Nas ânsias das vontades mais impuras
Em que o futuro agora está presente?*

Mas não saiu do leito, já que as dores
Se acentuaram muito após a crise,
Fazendo concorrer os seus mentores,

Para a tristeza dessa má reprise,
Porque os papéis de cor os bons atores
Repetem sem prazer, se ao bem não vise.

22

Começa um passeio

Então, chegou alguém com mais poder
E perguntou ao gajo se queria
Sair a espairecer, durante o dia,
Que os ares do hospital, estando quentes,
Causavam as tais dores tão frequentes,
A ponto de o sofrer ser muito intenso.

Como resposta o pobre, simplesmente,
Pedi que o tal remédio fosse dado,
Carente como estava e preocupado,
Pois tudo que pensava sem afeto,
Em iras, punha o grupo circunspeto
E a cura já sentia um contrassenso.

Porém, não foi levado de carrinho
Que a dose dum calmante o fez melhor.
Mesquinho, disse estar muito pior,
Querendo a regalia dum agrado,
Mas pôs a rispidez logo de lado,
Que a turma não estava p'ra conversa.

E foi a pé na busca das muralhas,
Que o seu abrigo tinha protetores.
As falhas dos projetos superiores
Não poderiam vir de quem planeja,
Mas, se jogasse mal a tal peleja,
Faria a triste sina mais perversa.

23

Diante dos inimigos

Nem bem se viu sozinho lá no escuro,
Buscou achar a porta junto ao muro,
Mas nada ali encontrou — era o deserto.
— *Abandonado e só, que compaixão*
Aqueles gajos lá têm pelo irmão!
 Talvez não tenha sido tão esperto...

Mas logo ouviu alguém dizendo o nome
Que fora o seu na Terra, quando a fome
Surgiu no seu desejo, formidanda:
— *Vou conversar com ele e vou pedir*
Ajuda, pois é negro o meu porvir,
Na região do Umbral, que o mal desanda.

Foi com surpresa enorme que sentiu
Que o *cara* que o chamava era o titio
A quem fizera todas as pirraças.
— *Com ele nunca mais vou me entender,*
Porque mantive longe o meu dever
De procurar cair nas suas graças.

Então, correu na direção contrária
E deu de cara com a turma otária
Daqueles que o temiam lá na Terra.
Passara-os p'ra trás e os enganara
E agora se perdera, pois mais rara
Era a esperteza sua para a guerra.

24

A lábia do infeliz

Não proclamou o bem durante a vida,
Mas bem sabia o que lhe era bom.
Por isso, o seu discurso teve o tom
De quem tinha a lição melhor sabida:

*— Não quero desfazer de cada irmão,
Pois sei que estão furiosos, sem saída,
Para fazer de mim, triste e falida,
A cruz do desperdício, com razão.*

*E vou lhes prometer cumprir a pena
Que têm por justa, proba e mais cruel,
Que o bem dos corações a mim me acena*

*Que fui dentre os amigos mui fiel
E vejo, dentre tantos, que é pequena
A turma que me quer passar a fel.*

25

Situação crítica

Enquanto discursava, via o grupo
A rir e a despedir-lhe o seu apupo,
Em vaias horrorosas de promessas.
A gente era curiosa de saber
Qual era do tratante o seu poder
De pôr os temas todos às avessas.

Então, um só se pôs à sua frente,
Julgando que o terror era fremente,
Que o gajo se sujava só por vê-lo.
Mas não lhe deu conselho nem tabefe,
Chamou-o de covarde e mequetrefe
E disse que o faria só por zelo.

No chão cuspiu escarro diluído
Em negro muco, fétido, fluído,
Que se empoçou num furo do terreno:
— *A sua pena, moço, há de ser curta,*
Que eu quero ver como é que alguém se furta
A não lamber a gosma com que aceno.

O povo ao derredor lembrou a cena
Do bem dos corações que lhes acena,
Na mansa podridão da mente suja.
Mas aplaudiu também, porque se cala
Aquele que os feriu em forte escala,
E foi de encontro a ele, que não fuja.

26

Vislumbre salvador

Estremeceu de medo e foi de borco
Arremessado à lama, como um porco
Que refocila imundo no excremento.
No instante em que bebia o visco ascoso,
Imaginou Jesus tão poderoso,
Sorvendo às fezes seu real tormento.

A só lembrança do Senhor foi justa
Para levar de volta, à própria custa,
O gajo ao leito do hospital, de novo.
Ao acordar, se viu de todo limpo
E imaginou-se um deus dentro do Olimpo,
Abençoado pelo próprio povo.

Então se pôs a lamentar baixinho,
Que se perdera, inútil, no caminho,
Que os males da matéria eram verdade:
— *Não há logro na mente; eu não me engano*
Ao afirmar que estive tão insano
Quanto Jesus no Horto da maldade.

— *Não fiz o bem e agora sofro tanto,*
No aguardo de entender da vida o encanto,
Em sintonia com os bens alheios.
Fui egoísta, sim, já reconheço
E mais sofrer ainda aqui mereço,
Por terem sido os meus senões tão feios.

Levou uns anos a entender que a vida
Trouxera, por rancores, destruída,
Agasalhado em leito protetor;
Até que, um dia, esteve a perguntar
Pelo mentor que desprezara ao dar
Ares de quem lhe fora superior.

27

O sentimento das intenções

Apareceu-lhe, então, o protetor,
Com um sorriso imenso pela face:
— *O seu rancor, eu vejo assim, desfaz-se,
Que o bem também se ensina pela dor.*

*E se o sofrer se põe menos rapace,
Gerando um sentimento superior,
A dúvida do mal não vem compor
Na mente de quem cresce sem repasse.*

Preclaras as palavras não surtiram
O efeito que nos bons se esperaria,
Porém, as reações que se induziram

Puseram mais atento o gajo. Então
Sentiu naqueles sons certa alegria,
Capaz de despertar-lhe o coração.

28

Por não ouvir

Aliviou-se a tensa situação
De alguém que acorda para a luz da vida,
Tendo chegado triste, que a ferida
Esteve aberta e à mostra uma estação.

Eis o valor do riso que convida
A pensar e a vencer a sem-razão
Dos atos que atingiram cada irmão,
E põe no amor, na paz, no bem, tal lida.

Incrivelmente aceso para a luta,
Queria desfazer o mal antigo,
Porém, sem instrução, a força bruta

Era o que tinha, a suspirar: — *Comigo
Hão de saber que o Cristo não escuta
Quem quer propor o mal como castigo.*

O início dos estudos

Sucumbiu o nosso amigo
Aos conselhos do mentor:
Compreendeu que, nesse abrigo,
Não se age com rancor.

O bom velho fez menção
Às palavras de Jesus,
Dizendo que o coração
Sofre o peso de tal cruz.

— *Que devo fazer agora,
Pois estou desarvorado?*
— *Quando o teu coração chora,
O primo passo está dado.*

— *Mas p'ra sempre assim não é
Que se resolve o problema.
Se o meu riacho dá pé,
Vou entrar, mesmo que trema.*

— *Excelente a tua ideia,
Mas é preciso cuidado,
Uma vez que, na colmeia,
O mel está bem guardado.*

— *Vou estudar qual o meio
De extrair o mal de mim:
Hoje eu me sinto tão feio
Que toda ideia é ruim.*

— *Por isto é que estou contigo:
Porque também já fui mau.
Corri o mesmo perigo
De levar de pedra e pau.*

*Mas aprendi a lição,
Ouvindo o que Jesus disse,
Pois quem ama a seu irmão
Não há maldade que atice.*

— *Quando é que se começa
O aprendizado do bem?
Não me venhas mais com essa
De que foste mau também.*

— *Mas a verdade está clara:
É preciso ter paciência.
No próprio mal se repara?
Começa a condescendência.*

A conversa iria longe,
Durante uma vida inteira.
Vestiu-se o gajo de monge:
— *Não vou mais fazer besteira!...*

Mas se a cabeça era dura,
Difícil de compreender,
Não estava malsegura,
Que a dor cumprira o dever.

30

A proposta

Um dia, o benfeitor chegou-se ao gajo
E disse-lhe de chofre: — *Meu querido,*
Agora que me escutas, eu convido
Que venhas retirar o teu andrajo.

O grupo que se encontra reunido
Também trocou o mal por outro traje.
Pois quero que tu vejas como eu ajo,
Perante a dor de quem tem mais sofrido.

Temeu o coitadinho por si mesmo,
Que, em grupo, não podia ser a esmo
A reação dos males e das dores.

— *Será, meu caro mestre, ser preciso*
Estar junto dos outros, pois meu ciso
Bem não se orientará sem superiores?

31

A alternativa

— *Que temes tu, Gualberto, meu amigo,
Se trazes junto ao peito o nosso selo?
Para portar tal marca, vou mantê-lo
Atento para a dor, junto comigo.*

*Se tens na superfície certo zelo,
É que pretendes não causar perigo.
Tu vais te comportar ou eu te obrigo
A lamentar a dor-de-cotovelo.*

*É que te vou deixar entregue às traças,
A remoer as dores e as desgraças,
Até que te convenças que estou sério.*

*Os outros concordaram em te ver,
Porém, não há ninguém com o poder
De te ferir, propondo refrigério.*

32

Hesitante, afinal

Nostálgico ficou o nosso amigo
Dos tempos em que tudo o que fazia
Prejudicava alguém, com alegria,
Descrente de correr algum perigo.

Tanto cuidado agora era o que via,
Na forma pela qual vinha o castigo:
— *Se trago o coração fora do abrigo,
Foi a consciência quem o pôs em fria...*

Queria concordar co' o protetor
E a decisão tardava incompreensível.
Talvez exagerasse em seu temor,

Pois tudo o que sofrera fora incrível:
— *Agora que eu preciso recompor,
Não sei me atribuir um simples nível.*

33

Mais do que da boca para fora

— *Meu protetor querido, Juvenal,
Não penses que eu me esqueço dos deveres.
É que prejudiquei, na Terra, os seres
E agora eu já não sei fugir do mal.*

*Por isso é que me ponho sem haveres
E hesito atravessar da porta o umbral.
Mas devo impor respeito e coisa e tal,
Que é como eu vejo sempre os meus poderes.*

O mestre contemplou a face pálida
Do gajo que obrigava ao arrenego.
Não via na atitude a forma válida

De conseguir, no além, um bom sossego,
Contudo, respeitou a tal crisálida
E prometeu servir-lhe um descarrego.

34

A apresentação

Eram três os companheiros de infortúnio,
Tão minguados como a noite em interlúnio.

O bom mestre apresentou-o mui maneiro,
Escondendo que Gualberto era matreiro.

Entenderam-se, no modo de pensar,
Que deviam proceder como num lar.

Quis pôr banca o nosso amigo desde logo,
Desta forma revelando-se: — *...ou não joga!*

Os coitados encolheram-se nos cantos,
Sem que dessem a saber os seus encantos.

Sorridente, o professor amenizou:
— *O Gualberto gosta mesmo é desse show!...*

Foi assim que conheceram a figura
Que teriam de ajudar a ficar pura.

35

A primeira reunião

— *Os nomes dos teus novos companheiros
São: Hermínio, Anacleto e Rosa Lia.
Não sabem o que mais te agradaria,
Assim, querem ouvir-te a decisão
De tê-los bem cordatos, os primeiros,
A quem se deve sempre a iniciação.*

— *Pretendo conhecer qual sofrimento
Me traz acorrentado ao egoísmo.
Tentei livrar-me de cair no abismo,
Mas obrigou-me a sorte a desprezar
O ódio como forte sentimento,
Posto tivesse origem no meu lar.*

Hermínio quis saber qual interesse
A dor promoveria, pois o assunto
Não tinha provocado o seu bestunto:
— *Meu caro, me permita concluir
Que o tema, logo após se resolvesse,
Não ia ter valor para o porvir.*

Gualberto não conteve o riso franco,
Porque lhe pareceu que o seu colega
Estava a merecer bem forte esfrega:
— *Se tudo o que disser for respondido
Conforme o que se lê na folha em branco,
Em vez de ver-me achado, estou perdido.*

E foi caindo fora, sim senhor,
Que não correspondeu de forma alguma,
Por mais que o bom velhinho lhe resuma
Os bons deveres de quem presta ajuda,
Na tentativa de vencer a dor,
Pois uma só palavra o mal não muda.

E se encerrou o dia melancólico,
Que o nosso amigo não criou coragem
De sustentar com brio essa viagem
A contrariar os duros preconceitos
Dos vícios do tabaco e do alcoólico,
Que põem até os do além insatisfeitos.

36

A reprimenda

Precisou Juvenal ser muito duro
Na recriminação ao seu pupilo:
— *Por que não deste tu sereno asilo*
A quem não desejou subir no muro?

És tu perfeito e sabes tudo aquilo
Que sugeriste ao pobre, em tal apuro?
Se queres proceder no mal, eu juro
Que voltas ao formato de bacilo...

Pretendo ver-te agora a desculpar-te,
Se é que tens coragem de fazê-lo.
Por mim, não tenho dó de agir destarte,

Pois não vou permitir o desmazelo.
E tem de ser na frente e não à parte;
E sabe que isto é ordem, não apelo.

37

Quando a esperteza é muita

Lembrou Gualberto que jamais iria
Retrogradar, que a lei o protegia,
Mas o *bacilo* lhe calou na mente:
— *Será que o mestre disse por dizer
Ou o seu termo tinha o tal poder
De me mostrar o mal que fiz à gente?*

*Que pode o verme oferecer de mau,
Senão que a vez de se fazer degrau
P'ro sofrimento alheio em vil moléstia?
Se os corpos deles não são tão bem feitos,
Também não podem vir como os eleitos
A proclamar que têm assaz modéstia.*

Mas não deu tempo p'ra pensar em tudo
Nem poderia ali quedar-se mudo,
Pois precisava definir o estilo:
— *Meu professor, eu vou fazer mais força
A ver se a mente este desejo torça
De censurar a praga do bacilo.*

*Eu acredito que a ameaça é vã,
Mas tenho medo de julgar malsã
A tua zanga por ferir-te os brios,
Pois, fora das muralhas, sei de cor,
Que a dor que sofrerei será pior,
A me causar terríveis calafrios.*

*Deixe cerrada a porta, por favor,
E diga àqueles três que vou propor
Que esqueçam todo o mal que lhes causei.
Mas, como são melhores do que eu,
Hão de saber que o sentimento meu
Não deve transpirar conforme a lei.*

*Pedir perdão, portanto, posso até.
Talvez, porém, não saiba como é
Que devo me expressar p'ra consegui-lo.
Vergonha não terei, posso dizê-lo,
Mas se o fizer será por desmazelo,
Que os sentimentos são só dum bacilo...*

Envergonhar o mestre é o que queria
E assim pensou que iria pô-lo em fria,
Extrapolando o seu rigor em fúria.
Mas, simplesmente, Juvenal saiu,
Deixando o gajo a suspirar: — *Psiu!* —,
Sem força alguma, a remoer a injúria.

38

Retido

Ficou sozinho o gajo a meditar
Nas falas e nas mágoas que causou:
— *Será que devo sempre dar meu show,
Sem ter respeito algum, p'ra meu azar?...*

Mas não pensava rápido e passou
O tempo de rogar aos pés do altar,
De sorte que as lembranças de seu lar
Voltaram p'ra acordá-lo: — *Onde é que estou?...*

Verificou, então, estar sozinho,
Nem mesmo um sofredor ali vizinho
Com quem entabular conversaço.

Os enfermeiros nunca mais vieram,
Nem seus remédios davam, pois não eram
Mais necessários para a salvação.

39

O calor aumenta e diminui

As expressões que usara com o mestre
Mostravam claramente que sabia
Montar os raciocínios, mesmo chãos.
Lembrou o passadio no orbe terrestre
E, mesmo sem saber geografia,
Julgou que estava perto de vulcãos.

Então, não quis provar ser corajoso
E suplicou bem alto: — *Não me deixem
Queimar mas sem morrer na eternidade.*
E suspendeu o grito no antegozo
De dizer aos amigos: *“Não desleixem,
Senão comprovarão sua maldade!...”*

No entanto, ninguém veio em seu auxílio,
Enquanto se aquecia mais a sala,
Pondo no coração mais medo ainda.
Recriminou o mestre em seu exílio,
Em vez de se aquietar: *“Aqui quem cala
Consente em que a tal dor lhe seja infinda.”*

Mas algo lhe falou na intimidade,
Buscando esclarecer um ponto escuro,
Daqueles sobre os quais não tinha apoio:
*“Pretendo que a consciência não se enfade
E diga o que fazer, se errar procuro,
Ao misturar ao trigo inútil joio.”*

*“Que força existe em mim que me alucina,
Que faz com que complique mais a vida,
Enaltecendo o ego pelo mal?
Se eu sei que o meu mentor mostra a doutrina
E a partilhar do estudo me convida,
Por que rejeito a turma e Juvenal?”*

Enquanto assim pensava, o quarto ardia
Mas não causava medo ao infeliz,
Por meditar apenas sobre a alma.
Ao cabo de algum tempo, o ar se esfria,
Porque pedir perdão o gajo quis
E a turbulência toda logo acalma.

40

Sonhando acordado

Deitou-se ali no leito e adormeceu,
Em paz consigo mesmo provisória.
Foi um momento lindo, foi a glória:
Um tempo que seria apenas seu.

Ao acordar, manteve aceso o lume
Em bruxuleio quase a se apagar,
Porém, não se lembrou do triste lar,
Conforme ultimamente era costume.

Buscou, na escuridão do quarto, a vela
Que lhe mantinha a luz de referência.
Então, abriu-se a porta e, mais que ela,

Entrou todo um clarão: era a Consciência,
Que logo lhe falou: *"Agora apela,
P'ra dares outro rumo à existência!"*

41

Pediu e recebeu

— *Meu mestre, por favor, vem ajudar-me,
Que estou necessitado de conselho!
Preciso que haja paz para o desarme
Dos vícios que criei dêz rapazelho:
Pensava que ofender me dava charme;
Agora aqui me ponho de joelho
E rogo a ti e aos mais me perdoeis,
Para cumprirdes bem as justas leis!*

Notou o sofredor que, sobre o chão,
Mantinha um só joelho e não os dois;
E deu mais sofrimento ao coração,
Que a luta era p'ra agora e não depois.
Mas não dobrou a perna, a dizer não
Ao sentimento tolo: — *Por quem sois,
Ó vós que me espreitais atrás da porta,
Na ânsia de saber se o bem se aborta!...*

Gostou o mestre amigo da proposta,
Fazendo-se presente ali no quarto:
— *O povo que te ouviu não se desgosta,
Embora da malícia esteja farto,
E quer que te ofereça esta resposta:
A dor de ajoelhar é como um parto:
Enquanto o sofrimento não termina,
Não vai nascer do amor a sã doutrina.*

— *Que devo, então, fazer p'ra suprimir
O medo que me faz tão precatado?
Se devo ser feliz lá no porvir,
O que devo mudar já neste estado?
Terei de as tuas aulas só ouvir
Ou devo assimilar o que arrecado
Dos fatos que me envolvem no presente
Para tornar-me são eternamente?*

— *Estás encaminhado e mais seguro
Das normas que nos trazem cá no etéreo:
Superas os assuntos com apuro
De quem já refletiu sobre o mistério.
Então, fica sabendo que hoje eu juro
Que irás sentir suave refrigério,
Mantendo essa postura de humildade,
Dizendo o coração: — O bem me invade!*

Gualberto pôs-se a rir como um cretino,
Na certa por se ver apaniguado.
Sentiu-se como quando era menino,
Nos braços da mamãe, com forte agrado.
Pensou que era feliz e fez um hino:
Vitória de conquista de soldado
Que fere os inimigos mas quer paz,
Apenas porque a guerra o satisfaz.

Mas não caiu no conto do perfeito,
Que o dia era puxado, impróprio a isso.
— *Se o mestre me der trela, olha que aceito,
Embora não compreenda o compromisso
Que tens para comigo, alma de eleito,
A não te perturbares no serviço.
Irás me dar guarida — sim ou não —,
Pois algo que não vi te dá razão?*

— *Pretendo fornecer-te o melhor trato,
Porquanto tu compreendes que não sofres.
A vida é quase sempre um bom contrato:
Os homens é que fecham nestes cofres
De ódio o coração. Se, de imediato,
Te peça que com lágrimas aljofres
As dores que causaste a tanta gente,
O que me vais dizer que o bem aumente?*

— *Teria alguém chorado assim por mim?
— Quem pensas que tu és p'ra perguntar?
— Suponho que saber não é ruim.
— Supor é bem que o homem deve amar.
— Pois sou o desgraçado que pôs fim
À vida num momento. O meu azar
É que não pude ver como deixei
Aqueles que ferir da minha grei.*

— *Pois sabe que rolou profundo pranto
Dos olhos que te viram como filho.
— Não venhas me dizer que agora é santo
Aquele que me fez um maltrapilho,
Mendigo a mendigar um simples canto
Para pousar o corpo. Hoje eu me humilho,
Mas não perdoo o pai que Deus me deu,
Que não me perdoou, por não ser seu.*

42

Diálogo insólito

— Não quer o meu amigo perdoar
Aquele que ofertou o próprio lar?

— Não sei dizer se a vida me ensinou,
Mas é verdade que meu pai falhou.

— Na certa, tu aprendeste com Jesus
Que carregar devemos nossa cruz?...

— Por certo, estou sabendo que o rancor
Me transformou num ser inferior.

— Agora vens dizer-me que a razão
Supera qualquer drama da paixão?...

— Eu sei que o coração não desconhece
Que Deus nos ouve a dor da nossa prece.

— Então, o que desejas é o perdão
Do pai que está no céu. Quanto a ti, não...

— Não venhas com sofismas teológicos:
Explica-me os desvios psicológicos.

— Insisto em que perdoes a maldade
De quem te magoou, em tenra idade.

— Não foi uma só vez que o cara fez
Com que chorasse eu, sendo soez.

— Mas houve algum momento mais feliz,
Ou tudo o que ocorreu foi porque quis?

— Não vou querer saber quais os problemas
Que me trouxeram dores tão extremas.

— Se tu não queres o que venho dar,
Então me digas algo a clarear.

— Não compreendi o que me pedes, mestre,
Que o meu saber provém da dor terrestre.

— Primeiro, recusaste o teu perdão;
Agora, vens mostrar-te sem razão?...

— Posso pedir p'ra descansar de novo:
Um pintainho dentro do seu ovo?

— Podes voltar p'ra dentro da couraça,
Mas o sofrer assim não é que passa.

43

Afabilidade

Cumpriu sua promessa o protetor
De dar tranquilidade ao pobre enfermo.
Quisera vê-lo logo pondo termo
Às ânsias de vingança sem valor,

Mas teve de sentir dó do estafermo,
Que resistia tanto ao seu amor.
Chegou a oferecer: — *Ao teu dispor,*
Eu fico junto a ti, que estás no ermo.

Gualberto, todavia, recusou
A oferta e pediu-lhe que o deixasse:
— *Tu sabes, Juvenal, que dei meu show*

E devo resolver do drama o impasse:
Vou refletir bastante, pois estou
Livrando-me do transe do trespassse.

44

Deixando-se ir

A alma de Gualberto se viu solta
E pôs-se a fomentar rude revolta,
A ponto de ofender todo princípio
De lealdade a si e a quem reporta.
Dizendo-se infeliz, não mais se volta
Aos dramas que na Terra vivenciou
E pôe-se a perلustrar novos caminhos,
Mostrando que lhe faltam os carinhos
Dos destrambelhos causa e bem feito.

Não quis dar muita força à disciplina,
Regendo o pensamento sem controle
Pela impressão moldada em sentimentos
De desconsolo e dor, nessa estrutura
Que muito o fez sofrer, durante a vida,
Acostumado sempre a ter razão
Perante os empregados da fortuna,
Que os males da pobreza rejeitou,
Mantendo da miséria desrespeito.

Cruzavam-lhe na mente os vis desejos
Que outrora foram sempre poderosos.
Susteve todo impulso da verdade,
Querendo oferecer ao coração
Motivos de desleixo e safadeza,
A ver se reagia em compromisso
De dar ao mestre apoio, aos outros, paz,
Mas sem querer fazer um sacrifício,
Que as dores lhe oprimiram a vontade.

Sem ter muitos cuidados com a forma,
Não intuiu que o medo teve fim
E foi sugando os restos da memória,
Crescendo no equilíbrio, finalmente,
Que os males não estavam mais presentes
Nas ânsias de fazer melhor figura,
Sabendo que o dever não se procura,
Se estão suas virtudes bem mais quentes:
— *Que tenho, no meu cérebro, ruim?*

45

Pequena prece; forte repercussão

Ao perguntar de modo tão honesto,
Envolto, então, se viu em tênue luz.
Estava ali no chão pesada cruz,
Que não lhe provocou qualquer protesto.

— *Pudesse já rezar, pois me conduz
A mente num processo mui modesto,
Iria dar de mim, que os bens empresto
Das dádivas do amor, Cristo—Jesus!*

As portas já se abriram e muita gente
Veio abraçar Gualberto, finalmente,
Que prometia a si fugir do mal.

Não viu um ente só desconhecido:
— *Faltaram alguns poucos, mas duvido
Que não foram chamados — Juvenal?!...*

46

Fim

Foi quando começou sua ascensão,
História tão comum aqui no etéreo.
Narramos o que houve de mais sério;
Do mais, vamos pedir por compreensão.

Gualberto já domina o seu mistério
E deu para a poesia permissão.
Agora, muitos outros poderão
Saber como atingir seu refrigério.

O mestre Juvenal está contente
E pede que o leitor e o escrevente
Se unam na emoção deste poema

E rezem uma prece comovida,
Rogando para Deus que lhes dê vida
Em que seja a ventura a mais suprema.

Indaiatuba, de 18.03 a 15.05.97.